

Emily Dickinson: Não sou ninguém



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Emily Dickinson:
Não sou ninguém

TRADUÇÕES DE
AUGUSTO DE CAMPOS

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

D56e Dickinson, Emily, 1830-1886.
Emily Dickinson: não sou ninguém / Emily Dickinson; traduções
de Augusto de Campos. – 2 ed. rev. e ampl. – Campinas, SP: Editora da
Unicamp, 2015.

1. Dickinson, Emily, 1830-1886. 2. Poesia americana. 3. Escritores america-
nos – Biografia. I. Campos, Augusto de, 1931-. II. Título.

ISBN 978-85-268-1298-7

CDD 811.4
928.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Dickinson, Emily, 1830-1886	811.4
2. Poesia americana	811.4
3. Escritores americanos – Biografia	928.1

Copyright © by Augusto de Campos
Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

1ª edição, 2008
5ª reimpressão, 2022

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

NOTA À SEGUNDA EDIÇÃO	13
INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO	17
1 <i>There is a word</i>	28
Uma palavra se abre	29
2 <i>A sepal, petal, and a thorn</i>	30
Sépala, pétala e um espinho —	31
3 <i>We lose — because we win —</i>	32
Um perde — o outro ganha —	33
4 <i>If recollecting were forgetting</i>	34
Se recordar fosse esquecer	35
5 <i>Success is counted sweetest</i>	36
O Sucesso é mais doce	37
6 <i>Our share of night to bear —</i>	38
Nossa porção de noite —	39
7 <i>For each ecstatic instant —</i>	40
Êxtase — grão por grão —	41
8 <i>'Tis so much joy! 'Tis so much joy!</i>	42
Tanto júbilo! Tanto!	43

9	<i>Safe in their Alabaster Chambers</i> —	44
	A salvo nos seus Quartos de Alabastro —	45
10	<i>I held a Jewel in my fingers</i> —	46
	Tive uma Joia nos meus dedos —	47
11	<i>Wild Nights — Wild Nights!</i>	48
	Noites Uivantes — Noites Uivantes!	49
12	<i>“Hope” is the thing with feathers</i> —	50
	A “Esperança” se crava	51
13	<i>I felt a Funeral, in my Brain</i>	52
	Senti um Féretro em meu Cérebro	53
14	<i>I’m Nobody! Who are you?</i>	54
	Não sou Ninguém! Quem é você?	55
15	<i>We play at Paste</i> —	56
	Lidamos com o Joio —	57
16	<i>As if I asked a common Alms</i>	58
	Como se eu só tivesse	59
17	<i>After great pain, a formal feeling comes</i> —	60
	Depois da dor, algo solene vem —	61
18	<i>Much Madness is divinest Sense</i> —	62
	Muita Loucura faz Sentido —	63
19	<i>I died for Beauty — but was scarce</i>	64
	Morri pela Beleza — e assim que no Jazigo	65
20	<i>I was the slightest in the House</i> —	66
	Na Casa eu era a mais esquiva —	67
21	<i>To One denied to drink</i>	68
	Ao que a Bebida negas	69

22	<i>Beauty — be not caused — It Is —</i>	70
	Beleza — não tem causa — É —	71
23	<i>The Heart asks Pleasure — first —</i>	72
	Quer-se o Prazer — antes —	73
24	<i>I took my Power in my Hand —</i>	74
	Pus meu Poder em minha Mão —	75
25	<i>Some such Butterfly be seen</i>	76
	Algumas Borboletas há	77
26	<i>I fear a Man of frugal Speech —</i>	78
	Eu temo a Fala escassa —	79
27	<i>The Martyr Poets — did not tell —</i>	80
	Poetas Mártires — não clamam —	81
28	<i>Delight — becomes pictorial —</i>	82
	Prazer — vira pintura —	83
29	<i>I cannot live with You —</i>	84
	Não posso acompanhar-Te —	85
30	<i>Me from Myself — to banish —</i>	88
	Banir a Mim — de Mim —	89
31	<i>Pain — has an Element of Blank —</i>	90
	A Dor — tem Algo de Vazio —	91
32	<i>I dwell in Possibility —</i>	92
	Habito a Possibilidade —	93
33	<i>The Zeroes — taught us — Phosphorus —</i>	94
	Zeros — ensinam-nos — o Fósforo —	95
34	<i>As if the Sea should part</i>	96
	Como se o Mar rompesse	97

35	<i>Publication — is the Auction</i>	98
	Publicar — é o Leilão	99
36	<i>Fame of Myself, to justify</i>	100
	A Fama para Mim, se há senso	101
37	<i>I many times thought Peace had come</i>	102
	Paz — muita vez — fui encontrar	103
38	<i>Renunciation — is a piercing Virtue —</i>	104
	Renúncia — é uma Virtude dolorida —	105
39	<i>My life had stood — a Loaded Gun —</i>	106
	A minha vida era uma — Arma —	107
40	<i>From Blank to Blank —</i>	108
	De Branco a Branco —	109
41	<i>Presentiment — is that long Shadow — on the Lawn —</i>	110
	Pressentimento — é a longa Sombra — no Jardim —	111
42	<i>Light is sufficient to itself —</i>	112
	A Luz basta-se a si —	113
43	<i>I could not drink it, Sweet</i>	114
	Não podia beber	115
44	<i>That Distance was between Us</i>	116
	A Distância entre Nós	117
45	<i>Banish Air from Air —</i>	118
	Corta o Ar do Ar —	119
46	<i>These tested Our Horizon —</i>	120
	Esses testaram o Horizonte —	121
47	<i>Drab Habitation of Whom?</i>	122
	Mansão malsã de Quem?	123

48	<i>I hide myself within my flower</i>	124
	Me oculto em minha flor	125
49	<i>Pain — expands the Time —</i>	126
	A Dor — expande o Tempo —	127
50	<i>Death is a Dialogue between</i>	128
	A Morte é um Diálogo entre	129
51	<i>Bind me — I still can sing —</i>	130
	Ata-me — eu canto assim —	131
52	<i>Too scanty 'twas to die for you</i>	132
	Morrer por ti era pouco	133
53	<i>The Opening and the Close</i>	134
	O Abrir e o Fechar	135
54	<i>Best Witchcraft is Geometry</i>	136
	A Geometria é a maior Magia	137
55	<i>Great Streets of silence led away</i>	138
	Ruas sem som serviam	139
56	<i>The Voice that stands for Floods to me</i>	140
	A Voz que para mim é um Mar	141
57	<i>Because my Brook is fluent</i>	142
	Se o meu Riacho é fluente	143
58	<i>A word is dead</i>	144
	A palavra morre	145
59	<i>The Riddle we can guess</i>	146
	O Enigma decifrado	147
60	<i>So proud she was to die</i>	148
	Tanto orgulho em morrer	149

61	<i>In this short Life</i>	150
	Nesta Vida tão breve	151
62	<i>Yesterday is History</i>	152
	Ontem é História	153
63	<i>The Mushroom is the Elf of Plants</i> —	154
	O Cogumelo — à Noite —	155
64	<i>Could mortal lip divine</i>	156
	Se o lábio hábil a sílaba	157
65	<i>A Dimple in the Tomb</i>	158
	Um Vão na Pedra Tumular	159
66	<i>I heard as if I had no Ear</i>	160
	Ouvi, como que sem Ouvido	161
67	<i>Myself can read the Telegrams</i>	162
	Leio-Me um Telegrama	163
68	<i>Praise it — 'tis dead</i> —	164
	Louva-o — já morreu —	165
69	<i>A Pang is more conspicuous in Spring</i>	166
	Na primavera um Ai é mais premente	167
70	<i>Those — dying then</i>	168
	Quem — antes morria	169
71	<i>Morning is due to all</i> —	170
	Manhãs são para os mais —	171
72	<i>Few, yet enough</i>	172
	Pouco, mas muito	173
73	<i>Pursuing you in your transitions</i>	174
	Buscar-se em seus matizes	175

74	<i>Within that little Hive</i>	176
	Nesta Colmeia tais	177
75	<i>Sunset that screens, reveals</i> —	178
	O Ocaso se abre, aéreo —	179
76	<i>There is solitude of space</i>	180
	Há a solidão do espaço	181
77	<i>Oh, honey of an hour</i>	182
	Oh, mel da hora	183
78	<i>To make a prairie it takes a clover and one bee</i>	184
	Para fazer um prado abelha e trevo	185
79	<i>Fame is a bee</i>	186
	A Fama é uma abelha	187
80	<i>Perhaps you smile at me</i>	188
	Percebo um teu sorriso	189

BIBLIOGRAFIA BÁSICA DAS OBRAS

DE EMILY DICKINSON	191
--------------------------	-----

NOTA À SEGUNDA EDIÇÃO

TRADUZIR UMA poesia tão densa e singular como a de Emily Dickinson é sempre um desafio que se deve aceitar com humildade. Eu considerava já encerradas as minhas homenagens à grande poeta, feitas com muita parcimônia e cuidado, ao longo de muitos anos, com as traduções que publiquei na primeira edição deste livro. Mas, além de uma ou outra rara recidiva provocada pela inevitável releitura de seus poemas, dois eventos literários, que me tocaram fundamente, contribuíram para que eu retornasse ao difícil empreendimento: a publicação de *The Gorgeous Nothings: Emily Dickinson's Envelope Poems*, uma seleção fac-similar dos “poemas-envelope” manuscritos da grande poeta americana, editada por Jen Bervin e Marta Werner, em 2013; e, à mesma época, a generosa disponibilização dos seus manuscritos na internet, no portal Emily Dickinson Archive – <<http://www.edickinson.org/>>. Revisitei, com olhos novos, esse espantoso acervo de poemas, e voltei a aventurar-me em algumas versões. As que eu considero não desmerecerem de todo os originais vão aqui publicadas com as anteriores. Achei de bom alvitre indicar, à parte do índice geral, as traduções que foram agora acrescentadas, para esclarecimento do leitor que me acompanhou na primeira edição e que tenha, porventura, o desejo de adquirir este volume. As traduções foram renumeradas, seguindo a ordem cronológica da edição crítica de Thomas H. Johnson, sempre que possível acompanhadas da data atribuível à criação dos

poemas ou à sua publicação. O último não foi incluído em nenhuma das coleções completas da poesia de Emily Dickinson. Trata-se, na verdade, de um pequeno texto poético que figura numa carta datada de julho de 1852 que Emily Dickinson dirigiu ao seu suposto preceptor-interlocutor, Thomas Wentford Higginson, e que poderia, pela data, estar alternativamente no início desta seletânea, mas que me pareceu melhor ficar para o fim, sugerindo um permanente retorno. Pois, como diz a poeta, “a Circunferência é o que eu viso”.

Augusto de Campos, 2015

RELAÇÃO DE POEMAS ACRESCENTADOS

- 7 *For each ecstatic instant*
Êxtase — grão por grão —
- 11 *Wild Nights — Wild Nights!*
Noites Uivantes — Noites Uivantes!
- 12 *“Hope” is the thing with feathers —*
A “Esperança” se crava
- 16 *As if I asked a common Alms*
Como se eu só tivesse
- 17 *After great pain, a formal feeling comes —*
Depois da dor, algo solene vem —
- 20 *I was the slightest in the House —*
Na Casa eu era a mais esquiua —
- 21 *To One denied to drink*
Ao que a Bebida negas

- 23 *The Heart asks Pleasure — first —*
 Quer-se o Prazer — antes —
- 24 *I took my Power in my Hand —*
 Pus meu Poder em minha Mão —
- 27 *The Martyr Poets — did not tell —*
 Poetas Mártires — não clamam —
- 29 *I cannot live with You —*
 Não posso acompanhar-Te —
- 33 *The Zeroes — taught us — Phosphorus —*
 Zeros — ensinam-nos — o Fósforo —
- 36 *Fame of Myself, to justify*
 A Fama para Mim, se há senso
- 37 *I many times thought Peace had come*
 Paz — muita vez — fui encontrar
- 38 *Renunciation — is a piercing Virtue —*
 Renúncia — é uma Virtude dolorida —
- 39 *My life had stood — a Loaded Gun —*
 A minha vida era uma — Arma —
- 40 *From Blank to Blank —*
 De Branco a Branco —
- 41 *Presentiment — is that long Shadow — on the Lawn —*
 Presentimento — é a longa Sombra — no Jardim —
- 42 *Light is sufficient to itself —*
 A Luz basta-se a si —
- 44 *That Distance was between Us*
 A Distância entre Nós
- 51 *Bind me — I still can sing —*
 Ata-me — eu canto assim —

- 66 *I heard as if I had no Ear*
Ouvi, como que sem Ouvido
- 67 *Myself can read the Telegrams*
Leio-Me um Telegrama
- 68 *Praise it — 'tis dead —*
Louva-o — já morreu —
- 69 *A Pang is more conspicuous in Spring*
Na primavera um Ai é mais premente
- 70 *Those — dying then*
Quem — antes morria
- 71 *Morning is due to all —*
Manhãs são para os mais —
- 72 *Few, yet enough*
Pouco, mas muito
- 73 *Pursuing you in your transitions*
Buscar-se em seus matizes
- 74 *Within that little Hive*
Nesta Colmeia tais
- 75 *Sunset that screens, reveals —*
O Ocaso se abre, aéreo —
- 76 *There is solitude of space*
Há a solidão do espaço
- 77 *Oh, honey of an hour*
Oh, mel da hora
- 78 *To make a prairie it takes a clover and one bee*
Para fazer um prado abelha e trevo
- 80 *Perhaps you smile at me*
Percebo um teu sorriso

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

EMILY ELIZABETH DICKINSON nasceu em Amherst, Massachusetts, em 10 de dezembro de 1830, e morreu na mesma cidade em 15 de maio de 1886, aos 55 anos. Morou sempre na casa paterna, levando uma vida de poucos incidentes e poucas relações de amizade. Conheceu, apenas brevemente, algumas cidades próximas, como Washington, Filadélfia, Boston, Cambridge. Tendo recebido educação puritana, foi aluna da Academia de Amherst e, mais tarde, entre 1847 e 1848, do seminário feminino de Mount Holyoke (South Hadley), que abandonou depois de recusar-se publicamente a declarar sua fé. Pode-se considerá-la uma autodidata em poesia, ainda que admitisse como preceptores dois amigos da família: um praticante do escritório de advocacia de seu pai, Benjamin Newton, com quem se correspondeu até que a morte o colhesse em 1853, e o Rev. Charles Wadsworth, com o qual se avistou algumas vezes e também trocou cartas. Por volta de 1860, em grande isolamento, iniciou a fase madura de sua poesia. Em 1862, enviou quatro poemas a Thomas Higginson, crítico literário do *Atlantic Monthly*, que não chegou àquela altura a compreender inteiramente a sua poesia, incapaz de enquadrá-la nos cânones vigentes. Embora percebesse a originalidade da autora, o andamento dos seus poemas lhe pareceu, então, “espasmódico”, e seus versos, “des-

controlados”. Desencorajada a publicar pelo crítico, respondeu-lhe: “Sorrio quando sugere que eu protele a ‘publicação’. Se eu conhecesse a fama, eu não poderia fugir a ela, se não a conhecesse, ela me perseguiria o dia inteiro e eu perderia a aprovação de meu cachorro”. Após longa correspondência, houve dois encontros pessoais que deixaram Higginson ainda mais perplexo ante a personalidade extravagante e enigmática de sua interlocutora.

Emily tinha 19 anos quando Poe (1809-1849) morreu. Não acusa influência deste. Whitman (1819-1892), seu antípoda, não chegou a interessá-la, apesar de recomendado por Higginson. Vislumbra-se em seus textos algo de Emerson (1803-1882) — o Emerson mais contido de poemas curtos, como “Brahma”, e do seu transcendentalismo filosófico. Mas ela é mais radical e dissonante.

Pouco se sabe de suas leituras — Shakespeare, Keats e os seus contemporâneos Robert Browning (1812-1889) e Elizabeth Barrett Browning (1806-1861) estão entre os raros poetas expressamente referidos em seus escritos. Sua poesia não se parece com a deles. Emily criou um idioma poético próprio e antecipatório em termos de densidade léxica, economia de expressão e liberdade sintática. Parece mais próxima das ousadias metafóricas dos poetas “metafísicos” ingleses, como Donne, que ela certamente não leu. Utiliza, muitas vezes em combinações novas, versos tradicionais, nos quais os seus estranhos tracejamentos gráficos introduzem recortes e pausas inusitados, dando-lhes feição singular. “Seu desprezo por fórmulas aceitas ou por regularidades é incorrigível. Gramática, rima, metro — tudo o que se opunha a seu pensamento ou sua liberdade de expressão era dispensado por ela”, afirma Conrad Aiken, um dos primeiros a reconhecerem sua

relevância, num artigo de 1924. É tal a modernidade de sua linguagem que em nossos tempos podemos associá-la, sem esforço, à da também extraordinária poeta russa Marina Tzvietáieva (1892-1941), pela dicção elíptica e sincopada e até pelas idiossincrasias da sua pontuação, mesmo que as duas se apartem pela natureza de seu *pathos* existencial e do contexto em que viveram. Linguagem densa e substantiva, que transita sem transições do real ao imaginário — os substantivos frequentemente maiusculizados para acentuar a sua dominância.

Tudo em Emily é paradoxo. “Mistura de puritana e livre-pensadora”, anota Aiken. Cruzam-se em sua poesia os traços de um panteísmo espiritualizado, de uma solidão-solitude, ora serena ora desesperada, e de uma visão abismal do universo e do ser humano. Micro e macrocosmo compactados em aforismos poéticos. Da observação da natureza, em suas mais humildes manifestações, ela consegue ascender às perguntas sem resposta da vida e da morte e do amor (ainda que recessivo e sublimado) em seus epigramas-enigmas conceituais. Temas que percorreram a poesia de todos os tempos, mas assimilados aqui num idioleto de rara beleza. Sua geografia imaginária não tem limites. Frequenta os jardins do mundo. De uma borboleta do Brasil pode chegar às estrelas. Do jardim aos céus. Do som ao sonho. Do cONcRETo ao eTERNO.

A integridade poética que a caracteriza assume radicalismos extremos em textos como “Success is counted sweetest” / O Sucesso é mais doce (nº 5), “I’m Nobody. Who are you?” / Não sou Ninguém! Quem é você? (nº 11), “Publication is the Auction” / Publicar é o Leilão (nº 23): coerentes com o que ela afirmava em sua carta a Higginson, pleiteiam o anoni-

mato, que sua grandeza, custosamente reconhecida, acabaria por tornar impossível. Não posso deixar de infundir um tom pessoano à versão de linhas como essas, que me trazem à mente, de várias maneiras, o grande poeta português, em seus versos mais concisos, e os conceitos inscritos nos textos de “Erostratus — sobre a Fama Póstuma” (*Páginas de doutrina estética*), ou na sua “estética da abdicação”, incluída nas coletas do semi-heterônimo Bernardo Soares, onde se pode encontrar: “Toda vitória é uma grosseria” e “Vence só quem nunca consegue”. Como sucedeu com Emily Dickinson, cuja poesia ele não chegou a conhecer, a maior parte da obra de Fernando Pessoa foi publicada *post-mortem*, como se sabe. Vários dos textos da poeta norte-americana, que admitem múltipla interpretação, podem ser lidos também alegoricamente como meditações sobre a própria poesia, metapoemas. Assim podemos entender a rosa que se autoconstrói em “A sepal, petal and a thorn” / Sépala, pétala e um espinho (nº 2), o adereço que deixa “uma saudade de ametista” em “I held a Jewel in my fingers” / Tive uma Joia nos meus dedos (nº 9), a pérola a que só se pode chegar com “táticas de *Gema*, praticando *Arcia*”, em “We play at Paste” / Lidamos com o Joio (nº 12) ou a reivindicação da forma em “Best Witchcraft is Geometry” / A Geometria é a maior Magia (nº 33). “Beauty — be not caused — It is” / Beleza — não tem causa — É (nº 15), afirma a poeta, e me faz lembrar o poeta místico alemão do século XVII, Angelus Silesius, que escreveu a mesma coisa numa de suas máximas espirituais: “Die Ros’ ist ohn’ Warum, sie blühet weil sie blühet, / Sie acht’t nicht ihrer selbst, frag nicht, ob man sie sihet”, que eu assim traduzi: “A Rosa é porque é, e sem Porquê, / Não sabe nem de si nem quem a vê” (em *Irmãos Germanos*. Santa Catarina, Editora Noa Noa, 1992).